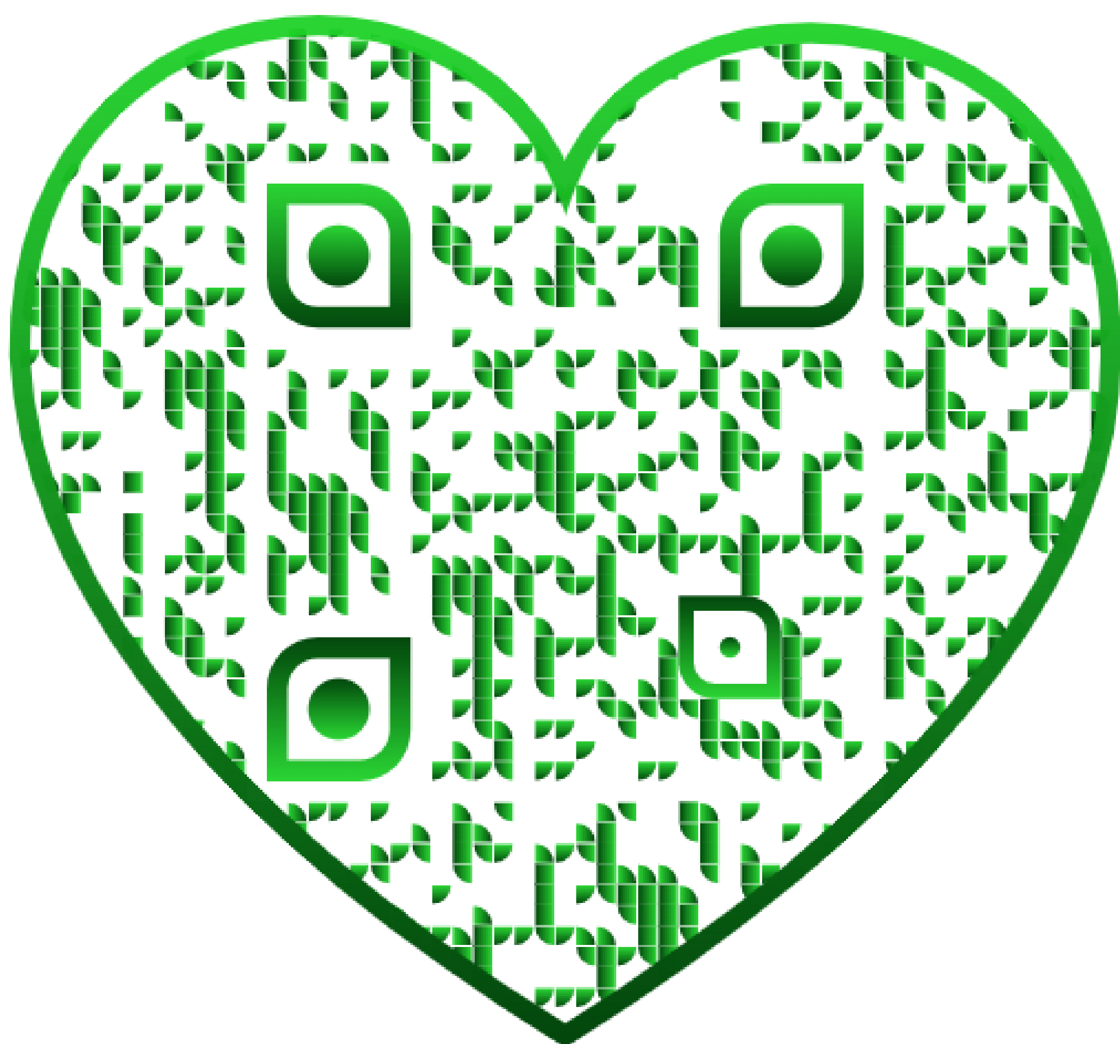
A CIGANA

AGATHA CHRISTIE



Macfarlane já havia reparado que seu amigo Dick Carpenter sentia uma estranha aversão por ciganos. Ignorava o motivo. Mas quando Dickie rompeu o noivado com Esther Lawes, os dois homens abandonaram, momentaneamente, a reserva que existia entre eles. Fazia um ano que Macfarlane estava noivo de Rachel, a irmã de Esther. Conhecia ambas desde a infância. Vagaroso e precavido em tudo, não quis logo admitir a si mesmo a atração cada vez maior que o rosto inocente e os sinceros olhos castanhos de Rachel exerciam sobre ele. Não era uma beleza como Esther, não! Mas indescritivelmente mais pura e mais meiga. O noivado de Dickie com a irmã mais velha pareceu estreitar o laço que unia os dois amigos. E agora, ao fim de poucas semanas, rompido o noivado de Dickie, o pobre Dickie, estava arrasado. Até então, tudo havia corrido bem em sua juventude. Tinha decidido, acertadamente, entrar na Marinha. A vocação de marinheiro era inata. Possuía qualquer coisa de viking, primitivo e direto, uma natureza que não encontrava serventia para sutilezas intelectuais. Pertencia àquela raça inarticulada de rapazes ingleses que rejeitam toda emoção e acham especialmente difícil traduzir em palavras os seus processos mentais...

Macfarlane, escocês casmurro, mas dotado de uma imaginação celta que dissimulava muito bem, fumava e ouvia o amigo se debater num mar de palavras. Já previa aquele desabafo. Mas esperava que o assunto fosse outro. Porque, para princípio de conversa, não houve referências a Esther Lawes. Pelo visto, tratava-se apenas da história de um terror infantil.

-Tudo começou com um sonho que tive quando criança. Não propriamente um pesadelo. Ela... você sabe, a cigana... até nos mais agradáveis (ou na idéia que uma criança faz do que seja agradável...uma festa cheia de busca-pés e outras coisas). Eu ficava me divertindo até mais não poder, e de repente sentia, sabia, que bastava levantar os olhos e lá estava ela, parada como sempre, me olhando...Com olhos tristes, sabe, como se soubesse de alguma coisa que eu não compreendia...Não dá para explicar por que...mas aquilo me assustava que era um horror. Todas as vezes! Eu acordava berrando de medo e a minha velha ama-seca então me dizia: "Pronto! O menino Dickie já sonhou de novo com a cigana!"

- E as ciganas de verdade nunca assustaram você?

- A primeira vez que vi uma delas foi muito depois. Isso também foi estanho. Eu andava atrás de um

cachorrinho meu que tinha fugido. Saí pelo portão do jardim e me embrenhei por uma trilha do mato. Nós morávamos, então, na Floresta Nova, sabe? Cheguei a uma espécie de clareira no fundo, onde havia uma ponte de madeira sobre um riacho. E bem ao lado dessa ponte estava parada uma cigana - de lenço vermelho na cabeça – tal como no sonho. Fiquei logo assustado! Ela me olhou, sabe?... E aí ela disse bem baixinho, sacudindo a cabeça para mim: " *Eu, se fosse você, não iria por aí"*. Não sei por que, mas aquilo me deixou morto de medo. Passei correndo por ela e cruzei a ponte. Acho que estava podre. Seja como for, cedeu com o meu peso e caí no riacho. Escapei por pouco. Nunca mais me esqueci. E me parece que tudo aconteceu por causa da cigana...

- Muito embora tivesse sido ela quem preveniu você?

- Sim, acho que sim. – Dickie fez uma pausa, depois continuou: - Eu contei a você esse meu sonho, não porque tenha qualquer coisa a ver com o que sucedeu depois (ao menos suponho que não tenha), mas porque é o ponto de partida, por assim dizer. Agora você vai ver o que entendo por "sensação da cigana". De modo que estamos na primeira noite em que fui na casa dos Lawes. Eu mal tinha chegado do

exterior. Era uma sensação tremendamente estranha voltar à Inglaterra. Os Lawes sempre foram amigos da minha família. Eu não via as meninas desde os meus seis anos, mais ou menos, mas o irmão, Arthur, era grande amigo meu, e depois que ele morreu, a Esther sempre me escrevia e me mandava jornais. . Me escrevia cartas divertidíssimas! Me animavam a mais não poder. Fiquei com uma vontade doida de vê-la. Me parecia esquisito conhecer alguém tão bem só por carta. Bom, a primeira coisa que fiz foi ir à casa dos Lawes. A Esther não estava quando cheguei, mas esperavam que viesse a qualquer momento. Durante o jantar, sentei ao lado de Rachel e enquanto eu olhava aquela mesa comprida, de um canto a outro, me veio uma sensação estranha. Parecia que havia uma pessoa me olhando, fixamente. Fiquei meio sem jeito. Foi então que vi...

- Quem?

- Mrs. Haworth... quem você queria que fosse?

Macfarlane quase que disse: "Pensei que estivesse falando da Esther Lawes." Mas permaneceu calado.

Dickie continuou:

- Havia nela qualquer coisa completamente diferente dos outros. Estava sentada ao lado do velho Lawes, escutando solenemente o que dizia,

com a cabeça inclinada. Tinha um negócio de tule vermelho em torno do pescoço. Acho que estava meio desfiado, porque ficava eriçado na nuca, como pequenas labaredas... Eu perguntei à Rachel: “Quem é aquela ali? A morena...de mantilha vermelha!”
- Você quer dizer a Alistair Haworth? Ela está com uma mantilha vermelha. Mas ela é loura. “Louríssima.”
“E era mesmo, sabe”? O cabelo dela tinha uma linda tonalidade clara, brilhante, de amarelo. No entanto, eu seria capaz de jurar que era morena. É estranho como os olhos podem enganar a gente... Depois do jantar, a Rachel nos apresentou e saíamos a caminhar pelo jardim. Falamos sobre a reencarnação...
- Nem parece você, Dickie!
- De fato, não é? Eu me lembro de ter dito que achava que era uma explicação bem plausível de como às vezes a gente parece que já conhece certas pessoas – como se tivesse encontrado antes.
“As pessoas que se ama, você quer dizer...” comentou ela.
- Havia qualquer coisa estranha na maneira como ela disse isso – qualquer coisa de suave, de ansioso. Me lembrava... não sei bem o que. Conversamos

mais um pouco, e aí o velho Lawes nos chamou ao terraço – dizendo que a Esther tinha chegado e queria me ver. “Você vai entrar?” “Vou”, respondi, “acho que seria melhor”, e aí, então... aí...

- O quê?

- Parece tão absurdo. Mrs. Haworth disse: “Eu, se fosse você, não entrava...” – Fez uma pausa. – Aquilo me assustou, sabe? Me assustou tremendamente. Foi por isso que lhe contei o sonho...Porque, veja você, ela disse aquilo exatamente do mesmo modo...bem calma, como se soubesse de alguma coisa que eu não sabia. Não se tratava apenas de uma mulher bonita que queria me reter lá fora no jardim com ela. A voz dela só era amável...e cheia de pesar. Quase como se estivesse adivinhando o que ia acontecer ... Creio que fui grosseiro, pois me virei e deixei-a ... saí praticamente correndo em direção à casa. Pra mim, representava uma segurança. Percebi, então que tinha sentido medo dela desde o início. Foi um alívio enxergar o velho Lawes. Esther estava lá, do lado dele... – Hesitou um instante, e depois murmurou de um jeito meio obscuro: - Não houve dúvida... bastou vê-la e senti que estava perdido.

A imaginação de Macfarlane se concentrou logo em Esther Lawes. Alguém certa vez a descrevera como

“um metro e oitenta de perfeição judaica”. Parecia-lhe uma descrição fiel, pois lembrava-se de sua altura fora do comum e da sua esgalga elegância, a brancura de mármore do rosto, o nariz delicamente aquilino e o esplendor negro dos cabelos e dos olhos. É, não se admirava que a candura juvenil de Dickie tivesse capitulado. Esther jamais seria capaz de acelerar a pulsação de Macfarlane, mas ele reconhecia a sua magnificência.

- E então – continuou Dickie, - noivamos.

- Em seguida?

- Bom, uma semana depois. E ainda ela levou quase quinze dias pra descobrir que não se interessava por mim... Deu uma risadinha amarga.

- Foi na última noite... antes de eu voltar para o navio. Eu vinha da aldeia, pelo meio do mato...e aí eu vi *ela*...a Mrs. Haworth, quero dizer. Estava com um gorro vermelho, e... por um segundo, sabe? ...levei um susto. Já contei meu sonho a você, de modo que fica fácil entender... Depois caminhamos juntos um pouco. Não que tivéssemos dito alguma coisa que Esther não pudesse escutar, sabe?...

- Não?

Macfarlane olhou desconfiado para o amigo. Estranho como as pessoas revelam coisas de que elas mesmas não se dão conta!

- E aí, quando eu já estava me virando para voltar para casa, ela me fez parar. E disse: " *De qualquer maneira, daqui a pouco você estará em casa. Mas eu, se fosse você, não me apressaria a chegar lá..*" E então eu *senti* que havia alguma coisa horrível à minha espera... e...mal cheguei , a Esther veio ao meu encontro e disse que tinha descoberto que realmente não gostava de mim...

Macfarlane murmurou qualquer coisa, compreensivo.

- E Mrs. Haworth? – perguntou.

- Nunca mais tornei a vê-la... até agora de noite.

- Agora de noite?

- É. Na casa de saúde daquele tal de Dr. Johnny. Examinaram a perna que eu feri no negócio do torpedo. De uns tempos para cá anda me incomodando muito. O sujeito aconselhou que eu operasse – vai ser uma coisa bem simples. Depois, quando ia saindo de lá, encontrei uma enfermeira de suéter vermelho por cima do uniforme, e ela disse: " Eu, se fosse você, não faria essa operação..." Vi então que era Mrs. Haworth. Ela se afastou tão depressa que não me deu tempo de pedir que esperasse. Encontrei outra enfermeira e perguntei por Mrs. Haworth. Mas ela me respondeu que ali

não havia ninguém com esse nome. Achei esquisito...
- Tem certeza de que era ela?
- Ah! Claro que tenho... ela é muito bonita, compreende?...- Fez uma pausa e depois acrescentou: - Eu, naturalmente, vou fazer a tal operação... mas...mas caso eu *morra*...
- Que absurdo!
- Lógico que é. Mas, mesmo assim, estou contente de ter contado essa história a você... Sabe, se eu pensasse mais um pouco, me lembraria de outras vezes...

II

Macfarlane subiu a pé a íngreme estrada da charneca. Entrou no portão de uma casa perto do alto do morro. Apertando os lábios, tocou a campainha.
- Mrs. Haworth está?
- Sim senhor, vou chamá-la.
A empregada deixou-o numa sala comprida, de teto baixo, com janelas que davam para charneca deserta. Franziu um pouco a testa. Não estaria fazendo um papel incrivelmente ridículo?

Aí teve um sobressalto. Uma voz cantava baixinho, em cima:

"A cigana mora na charneca..."

Depois, silêncio. O coração de Macfarlane começou a bater mais rápido. A porta se abriu. A alvura estonteante, quase escandinava, da mulher, causou-lhe o impacto de um choque. Apesar da descrição de Dickie, ele a imaginava morena como uma cigana... E de repente lembrou-se das palavras do amigo, do tom estranho que tinham . "Ela é muito bonita, compreende?..." A beleza perfeita, incontestável, é rara – mas era exatamente o tipo de beleza que Alistair Haworth possuía. Refez-se do choque e adiantou-se para ela.

- Creio que a senhora não tem a mínima idéia de quem eu seja. Consegui seu endereço com os Lawes. É que... sou amigo de Dickie Carpenter. Ela olhou bem para ele. Depois disse:

- Ia dar uma volta. Até lá em cima, na charneca. Não quer vir junto? Empurrou a porta envidraçada e dirigiu-se à encosta. Ele foi atrás. Encontraram um homem corpulento, de ar meio imbecilizado, sentado numa cadeira de vime, fumando.

- Meu marido. Nós vamos dar um passeio lá na charneca, Maurice. E depois, Mr. Macfarlane virá almoçar conosco. O senhor virá, não é?

- Sim... muito obrigado. – Seguiu-lhe os passos calmos, morro acima, e pensou consigo mesmo: - “Por que... Por quê, Santo Deus, ela foi casar com *aquilo*?”

Alistair tomou a direção de umas pedras.

- Vamos sentar aqui. E agora conte... o que veio me contar.

- Já sabia?

- Eu sempre sei quando vão acontecer coisas ruins... É ruim, não é? A respeito do Dickie?

- Ele fez uma pequena operação... com bastante êxito. Mas o coração dele devia estar fraco. Morreu durante a anestesia. Não sabia direito o que esperava ver no rosto dela – mas certamente não era aquela expressão do mais absoluto cansaço... Ouviu-a murmurar:

- Outra vez... ter que esperar...tanto tempo...tanto...- Levantou os olhos: - Mas o que é que o senhor queria me dizer?

- Apenas isto. Alguém avisou que ele não devia fazer a tal operação. Uma enfermeira. Ele pensava que fosse a senhora. Foi? Ela sacudiu a cabeça.

- Não fui eu, não. Mas tenho uma prima que é enfermeira. Ela se parece bastante comigo. Acho que deve ter sido isso. – Levantou os olhos de novo. – Mas pouco importa, não é mesmo? – E aí então, de

repente, arregalou os olhos. Prendeu a respiração. – Ah! – exclamou. – Ah, que engraçado! O senhor não compreende...

Macfarlane ficou intrigado. Ela continuava olhando fixamente para ele.

- Pensei que compreendesse... Devia compreender. O senhor dá a impressão de que também tem...

- Tenho o quê?

- O dom... a maldição... dê-lhe o nome que quiser. Creio que o senhor tem. Olhe bem para aquele buraco no meio das pedras. Não pense em nada, só olhe... Ah! – exclamou, reparando no leve sobressalto que ele teve. – Então... viu alguma coisa?

Ele concordou com a cabeça.

- Eu sabia que o senhor tinha. Aquilo ali é o lugar onde os antigos idólatras do sol sacrificavam as vítimas. Eu descobri isso sem precisar que ninguém me dissesse. E tem horas que sei exatamente a sensação que eles sentiam – quase como se eu mesma tivesse presenciado tudo... E há qualquer coisa nesta charneca que me dá impressão de que estive aqui antes... como se estivesse voltando para casa. Claro que é natural que eu tenha esse dom. Sou uma Ferguesson. Existem casos de vidência na minha família. E minha mãe foi médium até casar

com meu pai. Chamava-se Crhistine. Era bastante conhecida.
- A senhora entende por “dom” o poder de ver as coisas antes que aconteçam?
- É, antes ou depois... tanto faz. Por exemplo, eu vi o senhor se perguntar por que me casei com Maurice... vi, sim! Não adianta negar! Foi simplesmente porque sempre pressenti que havia qualquer coisa horrível pairando sobre ele... Quis salva-lo dessa ameaça... As mulheres são assim mesmo. Com esse meu dom, posso impedir que isso aconteça... se for possível... Não pude ajudar o Dickie. E ele não quis compreender... Teve medo. Era muito moço.
- Tinha vinte e dois anos.
- E eu tenho trinta. Mas não foi isso que eu quis dizer. Há tantas formas de se dividir; pelo comprimento, pela altura e largura... mas dividir pelo tempo é a pior de todas... Ficou muito tempo calada, pensativa. A surda pancada de um gongo na casa lá embaixo a trouxe de volta à realidade. Durante o almoço, Macfarlane pôs-se a observar Maurice Haworth. Era, indiscutivelmente, apaixonadíssimo pela esposa. Tinha no olhar uma devoção cega, canina, radiante de felicidade. Macfarlane também reparou na ternura, na

solicitude maternal com que ela lhe correspondia. Despediu-se depois do almoço.

- Acho que vou ficar mais um dia ainda lá na estalagem. Posso aparecer de novo para conversarmos? Amanhã, por exemplo?

- Claro que pode. Mas... Ela passou rápido a mão pelos olhos.

- Sei lá. Eu... eu tive a sensação de que nunca mais nos tornaríamos a ver... foi só isso... Adeus.

Ele desceu vagarosamente a estrada. A despeito do mesmo, parecia que uma mão gélida apertava-lhe o coração. Não havia nada nas palavras dela, lógico, mas... De repente surgiu-lhe um carro pela frente. Encostou-se rente à cerca... escapando por um triz. Uma estranha palidez turvou-lhe o rosto...

III

- Deus do céu, estou com os nervos em petição de miséria – murmurou Macfarlane, acordando no outro dia de manhã. Procurou recapitular, friamente, os acontecimentos da tarde anterior. O carro, o atalho até a estalagem e o nevoeiro brusco que o fez se perder no caminho sabendo da existência de um perigoso brejo a pouca distância dali. Depois o cano da chaminé da estalagem, que

tinha caído, e o cheiro de queimado que havia sentido durante a noite e terminou localizando: um carvão ardendo no tapete da lareira. Nada de mais naquilo tudo! Absolutamente nada – a não ser as palavras de Mrs. Haworth, e aquela certeza que seu coração se recusava a admitir: que ela *sabia*... Empurrou longe as cobertas com súbita energia. A primeira coisa a fazer era se levantar e ir falar com ela. Isso desfaria o quebranto. Quer dizer, se conseguisse chegar são e salvo... Céus, quanta bobagem! Não comeu quase nada. Às dez horas já estava subindo a estrada. Meia hora depois, tocava a campainha. Só então se permitiu dar um longo suspiro de alívio.

- Mrs. Haworth está? Era a mesma velha da véspera. Mas tinha no rosto uma expressão diferente – de profundo pesar.

- Ah! Meu senhor. Então ainda não soube?

- Não soube o quê?

- Miss Alistair, aquela coisinha linda. Foi o fortificante que ela sempre tomava de noite. O coitado do capitão ficou fora de si. Quase enlouqueceu. Pegou o frasco errado da prateleira no escuro... Mandaram chamar o médico, mas quando ele veio, já era tarde demais... No mesmo instante Macfarlane se lembrou das palavras dela: "*Sempre*

pressenti que havia qualquer coisa horrível pairando sobre ele... posso impedir que isso aconteça... se for possível..." Ah! Mas ninguém escapa do Destino... Estranha fatalidade profética, que tinha destruído onde procurava salvar... A velha criada continuou:
- Aquela coisinha linda! Tão meiga e bondosa que era sempre com pena de tudo o que se encontrasse em apuros. Não suportava ver ninguém sofrendo. – Hesitou, e depois acrescentou: - Não quer ir vê-la lá em cima, no quarto? Pelo que ela me disse, parece que já fazia muito tempo que se conheciam, não? Ela me disse que fazia muitíssimo tempo... Macfarlane subiu os degraus da escada atrás da velha, até chegar ao quarto que ficava sobre a sala de visitas, de onde tinha vinda aquela voz cantando na véspera. A parte superior das janelas era de vitrais, que projetavam uma luz vermelha na cabeceira da cama... Uma cigana de lenço vermelho na cabeça... Que ridículo, estava se deixando levar pelos nervos de novo. Olhou demoradamente, pela última vez, para Alistair Haworth.

IV

- Há aí uma moça que quer falar com o senhor.

- Há? – Macfarlane olhou distraído para a estalajadeira. – Ah! Desculpe, Mrs. Rowse, ando vendo fantasmas.
- É mesmo? Eu sei que há coisas estranhas que aparecem na charneca, depois que anoitece. A dama de branco, o ferreiro do diabo, o marinheiro e a cigana...
- Como é? Um marinheiro e uma cigana?
- É o que dizem, Mr. Macfarlane. Uma história que ouvi contar muitas vezes quando moça. Um romance que acabou mal, já faz bastante tempo... Mas há anos que ninguém tem visto mais os dois.
- Ah, é? Não sei... sabe lá se agora não vão reaparecer...
- Credo! As coisas que o senhor diz... E a moça...
- Que moça?
- A que pediu para falar com o senhor. Ela ficou na sala. Disse que se chamava Miss Lawes.
- Ah! Rachel! Sentiu uma curiosa sensação de contração, de mudança de perspectiva. Tinha andado por outros mundos. E se esquecido de Rachel, que pertencia exclusivamente a esta vida... De novo aquela curiosa mudança de perspectiva, aquela volta a um mundo de apenas três dimensões. Abriu a porta da sala. Rachel – com seus olhos castanhos e francos. E de repente, como que

despertando de um sonho, sentiu-se invadido por um jorro quente de alegre realidade. Estava vivo – vivo! Pensou: “ Existe apenas uma única vida que se pode ter certeza! Esta aqui!”

- Rachel! – exclamou, e, levantando-lhe o queixo, beijou-a nos lábios.

***